

Paredão Coringa

3º III^{sup} E1 D1, 100 metros

Localização: Pão de Açúcar, Face Sul, Rio de Janeiro - RJ

Conquistadores: Denise Emmer, Giuseppe Pellegrini e Paulo 'Bruxo' Ferreira, em 1981

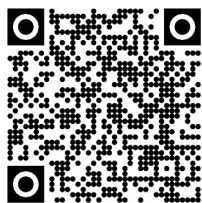
Vias clássicas do CERJ

Setembro de 2025

O Paredão Coringa é uma concorridíssima via localizada na Face Sul do Pão de Açúcar. De graduação baixa, mas bastante técnica, a via é por muitos chamada carinhosamente de “o terceiro grau mais difícil do Brasil” e não são incomuns histórias de escaladores incautos que entraram nela e se surpreenderam logo nas passadas iniciais, antes mesmo de costurarem o terceiro grampo. Seu *crux*, no final da segunda enfiada, é lendário e a via como um todo é conhecida por suas “agarras invertidas” – excelentes quando olhadas de baixo, mas abauladas em cima [Veja o quadro AS FAMOSAS AGARRAS INVERTIDAS DA CORINGA].

A via foi conquistada dois anos depois daquela que fica à sua esquerda, denominada ÁS DE ESPADAS, e seu nome, como o do ÁS, é uma referência a outra carta de grande relevância no baralho. Como nos conta a sua idealizadora e conquistadora, Denise Emmer, a ideia de conquistar a via surgiu justamente enquanto ela e Giuseppe Pellegrini escalavam o ÁS, de onde divisaram a linha da Coringa bem ao lado [Veja a

ENTREVISTA COM DENISE EMMER no link ao lado ou leia a transcrição ao final deste relato]. Apesar de não ter passado por reforma recente, as proteções estão em excelente estado.



POR QUE É UMA CLÁSSICA?

A Coringa é, como o PAREDÃO VERMELHO e o PAREDÃO REINALDO BEHNKEN, uma via clássica porque, antes de mais nada, caiu no gosto da comunidade de escaladores cariocas, que se sentem desafiados pelo seu “terceiro grau forte”, nas palavras de Flávio Daflon e Delson de Queiroz. Assim, apesar da baixa graduação, suas paredes bem verticais, agarras pequenas e árduas “barriguinhas” tornam essa uma via muitíssimo frequentada.

Além disso, ela segue uma linha praticamente reta na parede, muito bonita, com uma vista espetacular do mar e permitindo uma visão no mínimo incomum do Pão de Açúcar, bem debaixo dos tetos, de um ângulo que a maioria das pessoas não está acostumada a



Acervo pessoal de Rafaela Miranda

Vicente Corrêa, 9 anos, no meio da segunda enfiada da Coringa, logo após o crux. Essa parte da via ainda é bastante técnica, apesar das boas agarras e proteções próximas.

vê-lo. Por fim, a Coringa termina no COSTÃO, permitindo, portanto, fazer cume ou retornar rapidamente para a Pista Cláudio Coutinho sem precisar rapelar. Tudo isso faz dela uma via muito querida pela comunidade e uma verdadeira clássica do CERJ e da cidade do Rio de Janeiro.

DESCRIÇÃO

A Coringa é uma via curta, normalmente escalada em três ou quatro esticões. A PRIMEIRA ENFIADA começa com um fácil lance de costão até os dois primeiros grampos. Há então um lance de III com agarras

pequenas – bem técnico – que pode ser vencido em duas ou três passadas até chegar à terceira proteção, bem próxima da segunda. O resto da enfiada é composto por mais alguns lances fáceis. A parada é feita mais à direita da via. **MUITO IMPORTANTE:** o guia não deve deixar de costurar o grampo no meio da parede à sua frente, sob risco de deixar o participante à mercê de um potencial pêndulo à direita, perigoso, com possível choque contra um tetinho que fica abaixo da parada, risco que o guia não corre nesse trecho.

A SEGUNDA ENFIADA é originalmente feita pela parede do diedro bem acima da parada dupla. Há uma variante, contudo, cotada em IV grau, hoje praticamente a linha normal da via, já que a grande maioria segue por ela. O lance é desafiador para aqueles que estão começando a guiar e também para escaladores mais baixos, que podem não conseguir alcançar as boas agarras de mão logo acima. Uma sugestão para evitar o arrasto da corda é, no primeiro grampo após o lance de IV grau, usar uma costura longa (60 ou 90cm já são o bastante). Um pouco mais acima, há o trecho que pode ser considerado o *crux* da via: uma “barriguinha” cotada em III^{sup} – algumas pessoas sugerem IV –, técnica, de agarras pequenas e mãos não muito boas, que é psicologicamente comprometedor, visto que há um grampo abaixo dela e o próximo está um pouco acima. Um bom trabalho de pés e equilíbrio são fundamentais. O trechinho após esse lance também é bem vertical e técnico, mas muito bem protegido. A parada pode ser feita na dupla logo acima, bem desconfortável, ou o escalador



Foto: Liane Leobons

Liane Leobons (na P1) e Thaili Conte (logo abaixo do crux) em cordada na Coringa, com uma visão espetacular dos Tetos Ricardo Menescal.

pode continuar até a próxima dupla, caso esteja com corda de 60 metros ou maior.

Caso decida parar, saiba que a saída dessa PARADA INTERMEDIÁRIA é também bastante técnica, com agarras pequenas e bastante vertical. A grampeação é próxima, contudo. O restante do esticão também é composto por um terceiro grau técnico, mas a parede fica mais horizontal após os primeiros grampos. Apenas no finzinho, antes da parada (P2, no croqui), há um trecho de aderência com algumas agarras esporádicas pequenas.

A ÚLTIMA ENFIADA segue para a direita, mas a parede fica bem menos vertical e as agarras são maiores. Há apenas um grampo, que é bem visível da parada, e depois a via chega ao final, onde há um platô para se dar segurança de ombro ao participante. Não há grampo no final da via, visto que este foi removido por recomendação da FEEMERJ em 2002 a fim de desestimular a prática de rapel devido à fragilidade da vegetação da parede. Esse trecho muitas vezes está sujo porque poucos o escalam, preferindo rapelar da P2. Uma pena, pois a descida pela trilha é mais rápida, mais segura e não fere a vegetação rupícula. .

Uma dica interessante sobre a Coringa é o fato de que ela pode ser feita praticamente em duas enfiadas de corda de 60m. Com o participante solteirado ao primeiro grampo, de onde fará a segurança, o guia

EXPEDIENTE

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO (Biênio 2024-2026)

Presidência: Marcelo Gerson Pessoa de Matos

Vice-Presidência: Miriam Gerber

Secretaria: Anabel Ferreira Vaz e Renata Aguiar

Tesouraria: Mônica Esteves e Carlos Mattos

Diretoria Social: Sandra Maria Rebelo de Almeida e Alexandre Chevitarese

Diretoria Técnica (DT): Carla de Oliveira Romão

Auxiliares da DT: Thiago Gabriel de Araujo

Diretoria de Comunicação: Alexandre Gomes da Costa e Yvie Carolinne Medeiros Barcellos

Diretoria de Ecologia: José Henrique Menescal Fabrício, Bruno Waldman e Roberto Schmidt de Almeida

PROJETO VIAS CLÁSSICAS DO CERJ

Texto: Igor Costa

Croqui: Thaili Conte

Agradecimentos: Carlos Carrozino, Rosângela Gelly, Denise Emmer, Waldecy Lucena, Alexandre 'Xandão' Gomes, Marcelo Benhami, Paulo 'Bruxo' Ferreira, Liane Leobons, Matheus Battisti e Renata Zanella.

Paredão Coringa - 3º IIIsup E1 D1, 100 metros

Pão de Açúcar, Face Sul, Rio de Janeiro - RJ

Conquistadores:

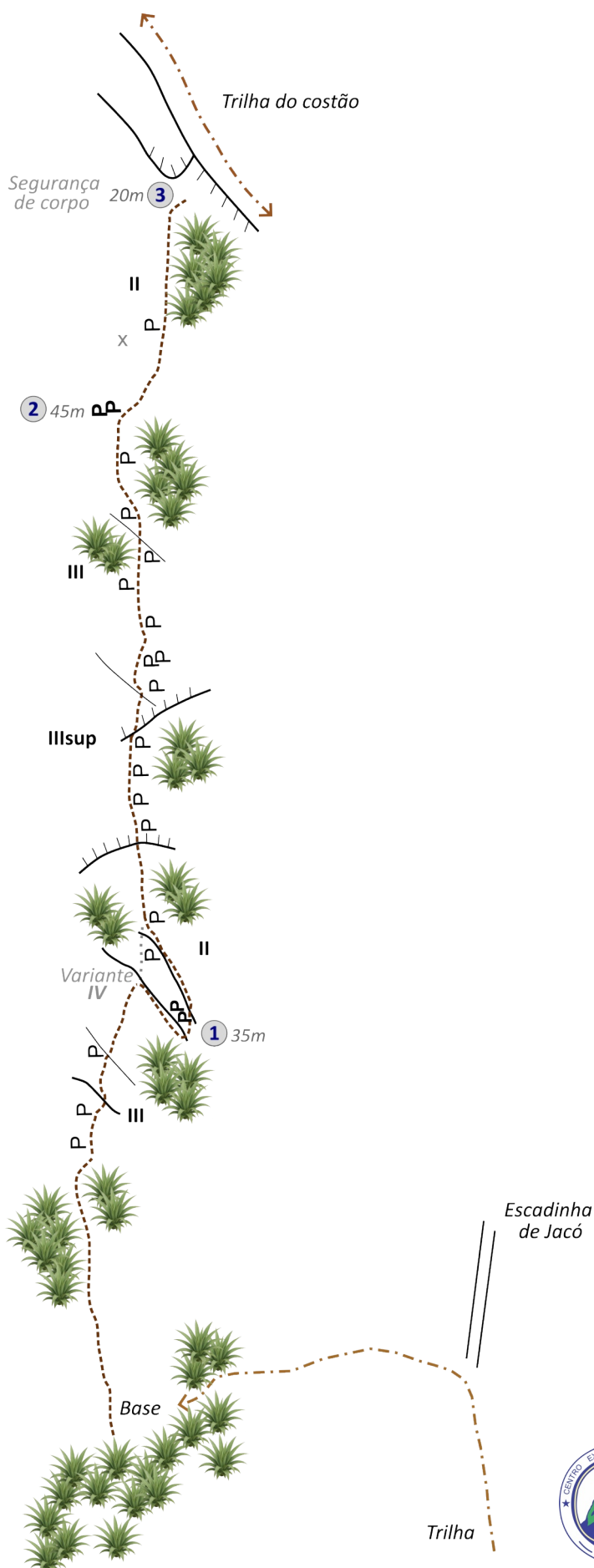
Denise Emmer, Giuseppe Pellegrini e
Paulo 'Bruxo' Ferreira,
1981

Equipamentos:

Corda de 60m
15 costuras, sendo 1 longa opcional

Legenda:

- ▴ Grampo de aço carbono
- x Chapeleta antiga
(Valor histórico apenas. Não costurar!)



TRACKLOG DA
APROXIMAÇÃO



consegue chegar quase à P3, mas deve parar em grampo único. Resta, então, apenas a pequena enfiada final para terminar a via. Essa estratégia pode dinamizar as cordadas em dias cheios e/ou agilizar uma cordada que comece no fim de tarde, por exemplo. Os escaladores precisam, contudo, avaliar com cautela a parada em grampo único.

APROXIMAÇÃO

Saindo da Praia Vermelha, caminhe para a esquerda em direção à Pista Cláudio Coutinho até a torre em seu final. Contorne a torre pela esquerda ou direita e siga pela trilha. Apenas alguns metros à frente,

haverá uma bifurcação para a esquerda, bastante íngreme. Siga por ela até chegar à parede rochosa. A trilha continuará para a esquerda, junto à parede. O primeiro sinal de que se está no lugar certo é o dique rochoso que marca o início da via Escadinha de Jacó. Seguindo um pouco mais para a esquerda, será possível ver duas linhas sem vegetação abertas na rocha. A primeira é a Coringa, a segunda, mais próxima dos tetos, é o Ás de espadas. Não confunda as vias, sobretudo se for iniciante: o Ás é uma via técnica de VI grau, lendária por suas agarras pequenas e lances desafiadores.

ENTREVISTA: DENISE EMMER, CONQUISTADORA DA CORINGA

Muitos frequentam a Coringa, mas poucos sabem que a idealização e conquista dessa via tem como figura central Denise Emmer, mulher de muitos talentos: poetisa, escritora, cantora, compositora, violoncelista e, além de tudo, notável escaladora CERJense, conquistadora do PAREDÃO ESTRELA, em Itatiaia; do ANTARES, no Morro dos Cabritos; do ATLANTA, no Pão de Açúcar; além da própria Coringa. Compôs a belíssima música COMPANHEIROS, dedicada a seu parceiro de cordada Waldemar Guimarães, o Waldo - e tema da novela Sinhá Moça (1986); e também é de sua autoria o livro MEMÓRIAS DE MONTANHA (2006), em que rememora sua vida de escaladas, desde um grave acidente na Agulhinha da Gávea até suas cordadas junto a Giuseppe Pellegrini, Waldo, Cláudio Vieira de Castro e demais parceiros de montanha. Nesta entrevista, Rosângela Gelly bate um papo com Denise sobre essas aventuras, em especial sobre a descoberta, idealização e conquista do Paredão Coringa, via queridinha dos cariocas.

ROSÂNGELA GELLY: Então, Denise, você estava no CEB e como você foi parar no [Centro Excursionista] Rio de Janeiro?

DENISE EMMER: Eu fui fazer uma travessia Rebouças-Mauá, em Itatiaia, e era uma travessia com todos os clubes de montanha da época. Lá eu conheci o [Giuseppe] Pellegrini e comecei a fazer escaladas com ele. Foi um passo para entrar no Clube Excursionista Rio de Janeiro... Ele fez uma escola de guias muito boa, muito exigente...



Foto: Igor Costa

Denise Emmer, a conquistadora da Coringa e de outras vias clássicas do CERJ, durante entrevista em 2024.

ROSÂNGELA GELLY: Formando inclusive guias de outros clubes...

DENISE EMMER: Daí eu comecei a escalar com ele e fazer conquistas também. E todas as conquistas que a gente fazia, eu escrevia relatório, fazia croquis, com todo o cuidado e amor, e a gente dava

para o clube. Daí eu saí do CEB e entrei para o CERJ. Foi assim.

ROSÂNGELA GELLY: Você tinha comentado que você era a pessoa que olhava e via a linha da via. Comenta um pouquinho sobre isso pra gente. Você ia ali e percebia que tinha uma linha interessante para fazer uma conquista...

DENISE EMMER: Eu vou falar da primeira conquista, que foi em Itatiaia. Eu e o Pellé havíamos feito a Diagonal - na época a gente chamava de Diagonal, mas hoje é a Transversal, mas é a mesma via - aí eu vi aquilo e falei para ele: olha ali, Pellé, olha aquela via ali... Tem um [gesto de linha vertical]... Tá chamando a gente... Topa fazer a conquista? Na hora, já é! Aí o que aconteceu? Nos preparamos, com material, grampos, martelo, broca... porque na época era no martelo e na broca e fizemos a conquista do Paredão Estrela [2º III E2], que foi maravilhosa.

ROSÂNGELA GELLY: Isso que você está dizendo tem muito a ver com a obra sobre a qual a gente está tratando hoje que é o Paredão Coringa, que é uma via super importante e ainda muito frequentada e muito respeitada. Como é que você chegou ali no Paredão Coringa?

DENISE EMMER: Nós estávamos escalando o Ás de Espadas e, numa parada de grampo, eu estava olhando... - é sempre assim! Eu fico parada olhando as coisas, observando, vendo o que se passa ao redor... Claro que prestando atenção na escalada e na segurança. Então, quando eu olhei para o lado direito, eu vi aquela vertente e falei: Pronto! Uma via linda ali. Quando descemos, eu falei para o Pellé: Vamos lá dar uma olhada? Aonde, Denise? [risos]

ROSÂNGELA GELLY: Que você quer, Denise? Mais uma... [risos]

DENISE EMMER: Mais uma... Vai ser uma escalada linda! Vamos lá ver. E não é que de repente ele falou: Nossa, que olho clínico, hein!



Foto: Igor Costa

Rosângela Gelly e Denise Emmer em um bate-papo descontraído sobre a conquista da Coringa e outras histórias de montanha.

ROSÂNGELA GELLY: E quantas investidas foram feitas, Denise?

DENISE EMMER: Olha, foram feitas duas investidas. Só duas investidas. Na primeira, fizemos quase ela inteira, passamos daquele ponto crítico e descemos porque já estávamos cansados e estava escurecendo. Aí voltamos e completamos. Depois nós voltamos para regrampear, fazer uma grampeação... Essa conquista tem uma característica que as outras não têm. As nossas grampeações sempre foram muito longas, muito distantes, mas essa conquista não. Eu não sei, mas eu acho que até ele também, o Pellé, estava pensando no pessoal que viria depois. É uma grampeação bastante segura, os grampos são próximos, então é uma escalada segura.

ROSÂNGELA GELLY: O que eu acho interessante no Coringa, que foi minha primeira escalada,



Yacy Fairbairn, primeira guia de montanha do Brasil, formada pela ETGE do CERJ em 1939. Ao fundo, os Dois Irmãos de Jacarepaguá

é que ele tem uma identidade, ela fala para você quem ela é. E é interessante isso, porque mesmo para vocês, conquistadores, ela que disse como é que ela ia ser, não é?

DENISE EMMER: Ela é lógica, né! Qualquer conquistador ou montanhista que chegasse ali faria ela por onde é hoje, não tenho dúvida. Parece assim que ela foi pintada, sabe? A sensação que eu tinha quando a gente estava conquistando é que tinha um traçadinho ali, uma pinturazinha...

ROSÂNGELA GELLY: Tinha um caminho natural, né?

DENISE EMMER: É... O caminho das pedras, né? Já estava tudo escrito: vem por aqui e por aqui, daí faz uma horizontal, depois vai para a esquerda, aí pega a reta. Ela era assim. Eu acho assim que o

sucesso, entre aspas, se deve ao fato de a grampeação ser uma grampeação segura, os grampos próximos; porque ela fica em um lugar bastante acessível; fica próxima de uma via também muito clássica, mais difícil, que é o Ás de Espadas...

ROSÂNGELA GELLY: E o ambiente dali também é muito bonito, né?

DENISE EMMER: Ali é muito bonito! Você tem uma visão ali... E ela tem uma inclinação boa, então dá uma certa exposição e uma visão muito bonita daquela parte do mar. Eu acho que o sucesso dela se deve a todos esses fatores... Você fala que ela não seria um terceiro grau? As pessoas falam isso? [risos]

ROSÂNGELA GELLY: Tem, nossa! Muita gente! Muita gente!

DENISE EMMER: Quando nós conquistamos, ficamos assim um pouco na dúvida porque, quando você está muito em forma, não sabe dar o grau certo. Por isso que depois, na inauguração da via, você chama colegas, pessoas do clube para fazerem uma avaliação do grau, mas ela, realmente, é um terceiro grau que não é um terceiro grau [risos].

ROSÂNGELA GELLY: É um de respeito, né?

DENISE EMMER: Eu acho que... Deixa terceiro grau porque ela ficou conhecida assim, tem essa característica curiosa, até um pouco engraçada: o terceiro grau mais difícil do Brasil.

ROSÂNGELA GELLY: É o terceiro grau mais difícil do Brasil, com certeza.

DENISE EMMER: Mas eu acho que ela pega um quarto grau, gente.

ROSÂNGELA GELLY: Será?

DENISE EMMER: Ele tem ali uma batida, né? Tem uma pegada grande de certa dificuldade e uma inclinação também respeitável.

ROSÂNGELA GELLY: Você tem que estar tecnicamente bem.

DENISE EMMER: Ela é grande, extensa, talvez no seu quarto grau. Hoje ela é terceiro com quarto, mas o quarto não é uma passada, não é uma pegada de garra. Não! O quarto dela eu acho que é extenso.

ROSÂNGELA GELLY: É o sequenciamento dos lances, tem a inclinação, é um conjunto de coisas. E assim, para mim, além disso tudo, de ser bonito, do sequenciamento, do ângulo da parede, eu acho que chama atenção ser uma via natural. Ela era para ser ali mesmo.

DENISE EMMER: Alguém ia chegar lá e ia fazer! Fomos nós!

ROSÂNGELA GELLY: E deixa eu te falar, Denise. Apesar de nós, naquele momento, estarmos fazendo um esporte tipicamente masculino, o CERJ tem figuras femininas muito importantes, como a Yacy Fairbairn, que foi a primeira guia feminina do Brasil, e tantas outras. E acho que você é também uma figura feminina importante. Como era você nesse mundo masculino?

DENISE EMMER: Era complicado! Não tinha mulheres. Tinha mulheres, mas eram muito poucas.

Nesse meu grupo, que era assim um grupo meio elite, meio até um pouco fechado, eu era muito aceita, não sofri nenhuma discriminação, muito pelo contrário, só incentivo, principalmente do Waldo [Waldemar Guimarães].

ROSÂNGELA GELLY: O Waldo, deles todos, acabou sendo um grande parceiro.

DENISE EMMER: É. Escalávamos muito, eu, Waldo e Pellé, sabe? Era um trio constante. Essa era a turma à qual eu pertencia e eles gostavam muito de mim, me tratavam com muito respeito, muito bem.

ROSÂNGELA GELLY: A questão é: não dá pra julgar ninguém pela aparência, por ser mulher ou homem...

DENISE EMMER: Por ser mulher, por ser homem, por ser isso, por ser aquilo... Não existe essa!

ROSÂNGELA GELLY: Seja um ser humano! Já está bom pra caramba, né?

DENISE EMMER: Um ser humano bom, né? Com responsabilidade, com respeito, igualdade, fraternidade, companherismo... Eu acho que a gente tem que ser assim.

AS FAMOSAS AGARRAS INVERTIDAS DA CORINGA

Por Thailli Conte, geóloga e escaladora

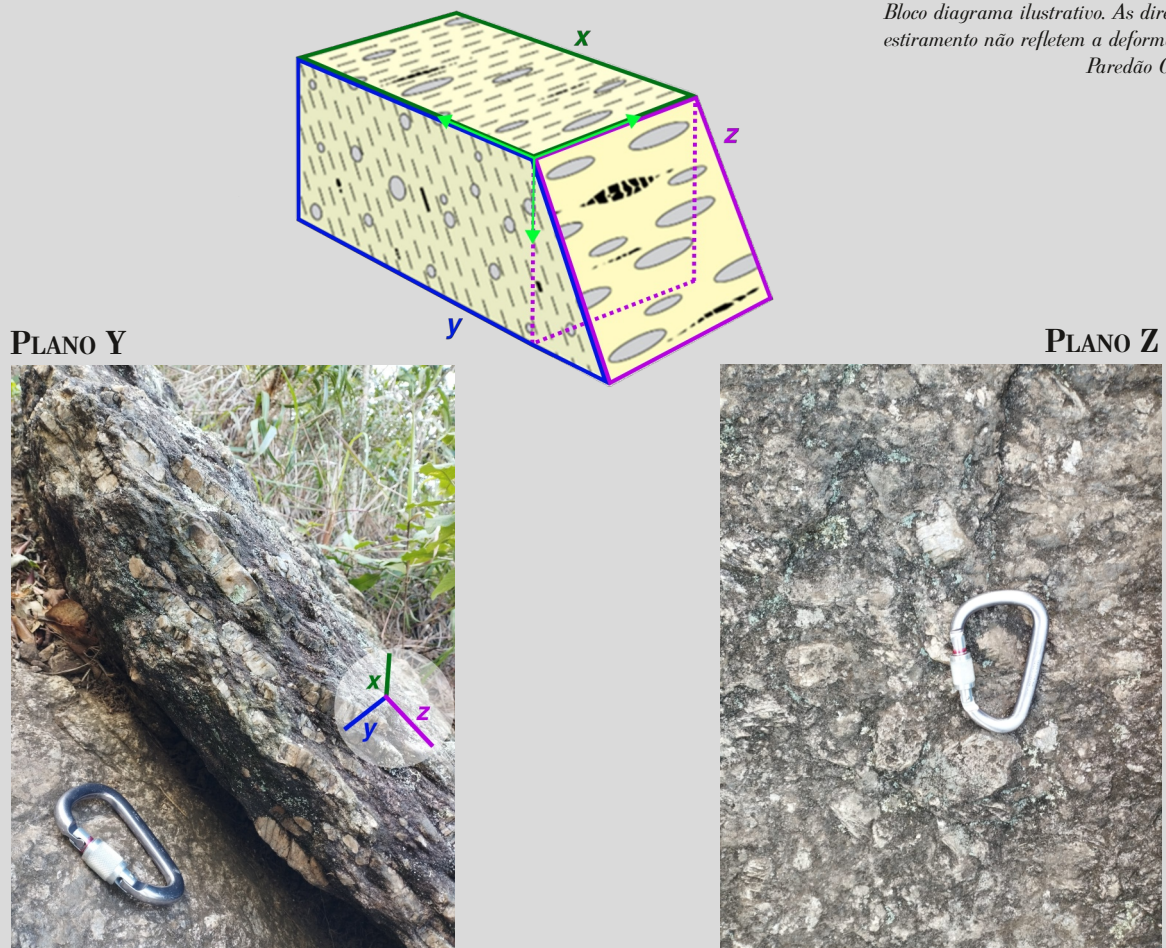
Eu escalei a Coringa três vezes e, em todas, achei a via esquisita. A impressão que se tem antes de começar a escalar são de agarras ótimas, enormes, mas na hora da escalada, as agarras parecem lisas e invertidas. Outro dia, subindo a trilha do Costão do Pão de Açúcar, ao observar a rocha sob meus pés, pensei: acho que a geologia é capaz de explicar as agarras “invertidas” do Paredão Coringa! Para isso, vamos começar pelo começo!

Rochas são constituídas por um agregado de minerais, e a depender das condições nas quais foram formadas, ou dos eventos geológicos pelos quais passaram, esses cristais possuirão diferen-

tes formas e tamanhos, dando à rocha uma textura ou uma “cara”.

No Pão de Açúcar, escalamos principalmente em uma rocha denominada Gnaisse Facoidal¹, formada há aproximadamente 560 milhões de anos, no período final da aglomeração do supercontinente Gondwana (atuais América do Sul, África, Índia, Antártica e Austrália)^{2,3}. Em eventos geológicos deste tipo, onde há junção de massas continentais e colisão de placas tectônicas, uma quantidade imensa de energia é dispendida, deformando as rochas pré-existentes, do modo como ocorre hoje nos Himalaias.

Bloco diagrama ilustrativo. As direções de estiramento não refletem a deformação do Paredão Coringa.



O bloco rochoso pode ser visto em três dimensões (planos X, Y e Z), de modo que a face que fica exposta determina a configuração das agarras. Nas fotos, cristais de rocha em um mesmo bloco: visto de Frente (Plano Z), as agarras são lisas, como na Coringa. De lado (Plano Y), veem-se grandes cristais e abaulados na rocha, que formam as agarras. Alguém que escale na direção da linha roxa verá, de baixo, excelentes agarras que na verdade não são boas.

Quando a deformação acontece, sob condições específicas, os minerais presentes na rocha se orientam como resposta a este esforço, e formam uma textura semelhante a folhas/camadas⁴. Quando essa rocha é trazida à superfície, infinitas são as possibilidades de ângulos para exposição destas camadas.

Se isso acontecer de modo que vejamos as camadas de frente (plano Y), e inclinadas para cima, é provável que tenhamos agarras boas (é possível que no Morro da Babilônia seja esse o caso). Agora, se estivermos escalando “sobre” esta camada (plano Z), e esta estiver inclinada para baixo, teremos a exata sensação que temos ao escalar a Coringa, apesar de vermos agarras, ou cristais, tão boas!

Outro fator que pode contribuir para este aspecto é o intemperismo⁵, ou o conjunto de processos químicos e físicos que agem na degradação das rochas expostas à superfície. Uma vez que a rocha

é composta de vários minerais diferentes, cada um deles vai oferecer uma resistência diferenciada à erosão, sendo alguns mais “desgastados e rebaixados” que outros, ou seja, os minerais mais resistentes se transformam em agarras naturais (veja a figura 15 da referência 6). É provável que, na camada exposta na Coringa, os minerais tenham tido alteração intempérica similar e, dessa forma, não há formação de agarras tão evidentes e destacadas como em outros vias (Cantagalo, por exemplo), mas sim uma camada mais uniforme.

REFERÊNCIAS (CLICÁVEIS):

1. "O Gnaiss Facoidal: a mais Carioca das Rochas"
2. Cadastro de Sítios Geológicos - Pão de Açúcar
3. Formação do Pão de Açúcar
4. Rochas Metamórficas (em inglês)
5. Intemperismo e erosão
6. "As rochas na escalada brasileira", de Antonio Paulo.